

A rapariga que adorava finais felizes¹

João de Mancelos

Três contos do livro

¹ Mancelos, João de. *A rapariga que adorava finais felizes*. Lisboa: Colibri, 1.ª ed., 2021; 2.ª ed., 2023. 92 pp. ISBN: 978-989-566-115-2.

A rapariga que apanhava o último metro

O último metro percorria os túneis da cidade até findar o percurso, na estação terminal, perto da meia-noite. Transportava apenas alguns trabalhadores exaustos e bocejantes, ansiosos por chegarem ao lar e dormirem; um ou dois pares de jovens, vindos da última sessão de cinema; um bêbedo estendido sobre os bancos, como uma marioneta a quem tivessem tesourado os cordéis.

No embalo das retas, no chiar aflitivo das curvas, semelhante ao guincho de uma baleia, nos enjoativos solavancos das paragens, alguns adormeciam; outros liam ou escutavam música pelos auriculares; outros ainda, talvez turistas, mantinham-se alerta e verificavam com frequência o mapa para não falharem a estação de saída no labirinto de paragens e interfaces. A carruagem tresandava a eletricidade, a suor, a amendoins, a perfume adocicado.

Ele era um passageiro habitual. Teria pouco mais de vinte anos, moreno e de estatura média. Envergava um casaco de carapuço negro, já fanado pelo sol, calças de ganga rotas nos joelhos, botas e uma mochila gasta de onde emergia um guarda-chuva dobrável. Nada o distinguia, a não ser os olhos penetrantes com que estudava os outros passageiros, menos por curiosidade e mais para matar o tédio da viagem.

No ano transato, concluíra um curso superior de letras. Após o verão a procurar desesperadamente emprego na área, sem êxito, rendera-se a esfregar o chão e a despejar o lixo de uma hamburgueria, depois do fecho, às onze da noite. Era um trabalho provisório, para cobrir as despesas. O que o movia era a escrita do seu romance, uma história de amor talvez excessivamente adocicada, um tudo-nada previsível, sem final à vista.

De súbito, o metro estacou com um solavanco. Saíram quatro pessoas e apenas uma passageira entrou na carruagem. Era uma rapariga no início dos vinte anos, estatura meã, olhos azuis-cobalto, cabelo loiro, quase até à cintura, contrastando com um vestido às faixas largas, de várias cores, e botas Doc Martens. Lembrava uma fada que alguém tivesse recortado das páginas de um livro infantil e colado, por ironia, num cenário urbano e taciturno. Molhada até aos ossos, a rapariga contemplou em redor a carruagem quase devoluta e caminhou na direção do jovem, talvez por se sentir mais segura em companhia de alguém da mesma faixa etária.

Sentou-se no banco em frente, e poitou a mochila ao lado, com um suspiro de alívio. Segurou nos longos cabelos, fazendo deles uma trança e, apertando-os, deixou-os pingar para o chão. Afastou ligeiramente os pés, para não molhar as Doc Martens. Depois, tirou os óculos salpicados de água, ergueu a bainha do vestido e limpou-os. Inspeccionou as lentes contra a luz, para se assegurar de que nenhuma gotícula escapara. Dando-se por satisfeita, pô-los. Procurou

algo na mochila. Retirou um livro pequeno, órfão de capa, as folhas já amareladas. Para ser exato, era apenas *meio* volume. Viam-se os fios soltos que, em tempos, haviam cosido os restantes cadernos, agora já extraviados.

O jovem, que contemplava com curiosidade a rapariga desde que esta entrara, ganhou coragem e indagou:

“Desculpa. Posso estar errado, mas penso que te conheço...”

Ela interrompeu a leitura e olhou-o fixamente. Fez-se luz e abriu um sorriso.

“E eu a ti!”

“Andámos juntos na escola básica! Lembras-te?”

A rapariga apontou-lhe um dedo acusatório:

“É difícil esquecer! Em tempos colaste-me uma pastilha elástica no cabelo!”

“Desculpa! Eu era um idiota. Espero que o crime já tenha prescrito!”

Riram-se, embaraçados. A rapariga hesitou entre prosseguir a conversa e mergulhar na leitura. O rapaz aproveitou a pausa e comentou:

“Esse *meio* livro já viu dias melhores! É a primeira ou a segunda parte?”

“A primeira. Calculo que seja mais de metade.”

“Oh! Nunca conhecerás o fim...”

Ela encolheu os ombros:

“Algum dia sabemos como termina seja o que for? Na ficção ou na vida?”

“Concordo. Mas não sentes curiosidade?”

“Posso inventar o epílogo na minha cabeça doida.”

“É o teu livro favorito?”

A jovem mordeu o lábio inferior, pensativa.

“Digamos que é a *recordação* favorita. Foi uma prenda de aniversário da minha mana, há muitos anos.”

“Mmm. Lembro-me que tinhas uma irmã, um ano mais velha.”

“Dois, para ser exata.”

“O que é feito dela?”

A rapariga hesitou. Por momentos, ele receou que não lhe fosse responder.

“Agora, ela está bem.”

“Desculpa, eu não quis...”

“Não, não tem importância. Trago sempre este *meio* livro comigo, em dias maus. Como um talismã, percebes?”

“Compreendo. Deduzo, então, que os deuses não foram propícios hoje.”

“Podes crer.” A rapariga contou pelos dedos. “Primeiro: tive um dia de cão no emprego.

Segundo: apanhei uma molha e sinto-me a tiritar. Terceiro: estou no metro com um fulano que cola chicletes no cabelo dos outros.”

“Quanto ao ponto três, não te preocupes. Prometo portar-me bem. Acerca do dois...”

O jovem abriu o fecho da sua mochila, tirou uma *sweatshirt* negra, e estendeu-lha:

“Toma, antes que apanhes uma gripe.”

A rapariga sorriu, encantada.

“É muito cavalheiresco da tua parte.” Pegou na camisola, encostou-a ao rosto, cheirou-a e vestiu-a. Pela negativa, ficava-lhe comprida. Pela positiva, a cor preta acentuava o cabelo loiro. O jovem reparou que ela o tinha tingido de platina, nas pontas.

“Obrigada. Como ta devolvo?”

“Costumas fazer esta viagem?”

“A partir de hoje e até à primavera, enquanto durar o turno da noite.”

“Também vou poisar por aqui uns meses. Fico sempre na última carruagem.”

“O meu dia melhorou. Já não preciso disto”, disse a rapariga, arrecadando o volume na mochila.

“Na realidade, ambos temos *meio* livro.” Ela olhou-o interrogativamente. “Tu estás a ler metade de um romance; eu escrevi metade de um.”

“Ah, és escritor!”

“Nas horas vagas, que não são muitas.”

“Sobre o que é o teu livro?”

“É uma história de amor acerca de um rapaz e de uma rapariga que se conhecem, numa situação insólita. Pouco a pouco, descobrem pontos em comum. Há várias peripécias à mistura, claro.”

“Gosto da ideia. Acaba bem...?”

“Citando uma pessoa que conheço, na ficção ou na vida, nunca se sabe como as coisas terminam.”

A rapariga corou ligeiramente; ele sentiu-se deliciado.

De repente, ouviu-se um estrondo. O revisor abriu a porta que conectava as carruagens e anunciou, com voz autoritária:

“Os vossos títulos de transporte, por favor!”

A rapariga arregalou os olhos e engoliu em seco. Debruçou-se sobre o jovem e confessou, aflita:

“Não renovei o passe! Ia tratar disso amanhã.”

Olharam em simultâneo para a porta deslizante.

“Podes fingir que dormes. Talvez ele deixe passar.”

“Não resulta. Em tempos, tentei e fui apanhada.”

“Vais para o terminal?”

Ela assentiu.

“Eu também. Fazemos assim: saímos na próxima paragem, antes dele chegar aqui. É a penúltima. Percorremos o resto do caminho a pé. Prepara-te!”

Puseram as mochilas a tiracolo. O revisor tentava, desesperadamente, acordar o bêbedo, estirado no banco, com o gargalo sem rolha espreitando do bolso.

“Isto não é um dormitório! Onde está o seu bilhete?”

O ébrio estrebuchou e balbuciou algo incompreensível. Em vez do passe, estendeu-lhe a garrafa.

“Não, não é isto! É o *bilhete!*”

A carruagem abrandou, com um gemido. Os jovens ergueram-se. Passaram por trás do revisor, pressurosos. Mal as portas se abriram, transpuseram-nas num ápice.

“Ei, vocês!”, bradou o revisor, assomando à entrada da carruagem. “Onde vão?”

Demasiado tarde. O rapaz e a rapariga já ascendiam na escada rolante. Ela soprou um beijo na direção do revisor. Soltaram uma gargalhada. Tinham escapado por uma unha negra.

Saíram da estação do metro. A chuva cessara, por fim, e o ar fresco cheirava a ozono. As ruas vazias brilhavam de humidade. As sarjetas escoavam ainda a água, com um ruído gorgolejante. Ao longe, um relâmpago e, segundos depois, o som do trovão, como o batuque de um tambor distante. A rapariga chegou-se mais a ele. Sentia pavor de trovoadas. Ficaram frente a frente.

“Hora de partir”, murmurou ela.

“Vives perto?”

“Ainda me faltam três quarteirões.” Olhou para o relógio. Era quase meia-noite. “Quando chegar a casa, já é outro dia.”

O jovem roçou-lhe os dedos da mão e inquiriu:

“Vejo-te amanhã?”

“Espero que sim.”

Cada um seguiu na direção oposta. Passados uns metros, ela voltou-se e olhou para ele, uma última vez, mas o jovem não reparou. Daí a segundos, quando ele girou o rosto para a observar, a figurinha dela já ia quase no fim da rua. A rapariga caminhava sem pressa, afastando-se das árvores, onde dificilmente cairia um raio. O jovem acompanhou-a com o olhar, até ela desaparecer na escuridão — como uma fada de regresso ao meio livro a que pertencia.

A rapariga que contemplava o abismo

A colina dominava a cidade como a cabeça de um gigante verde enterrado até ao pescoço. Lá de cima, viam-se os edifícios mais altos, no coração da urbe, rodeados pelo rebanho caótico de casas antigas e, na periferia, pelos prédios tristes dos bairros pobres, obsessivamente alinhados, como se quem os planificara quisesse corrigir as vidas marginais dos residentes.

As ruas irradiavam do centro, lembrando finas veias; depois, transformavam-se em estradas, à medida que rasgavam os subúrbios; por fim, enquanto algumas secavam e desapareciam em becos, outras fundiam-se e alimentavam as faixas que se escapuliam da cidade rumo às fábricas pardacentas, aos campos de cultivo e aos exíguos bosques, ilhas de verdura que tinham sobrevivido à fúria da indústria.

Ele e ela encontravam-se sentados de pernas cruzadas na relva a contemplar esta paisagem, no fim de uma tarde de março. Fazia fresco, mas nenhum deles se importava, alheados como estavam do mundo, perdidos em comboios de pensamentos que mal chegavam e logo partiam. A rapariga poisou os cotovelos nos joelhos, o rosto encaixado entre as mãos, e fitou o horizonte a tingir-se de laranja.

A jovem trazia um vestido de verão, azul-claro, de uma marca de roupa cara, e estava descalça, pois tirara as sapatilhas e as meias, que pusera, cuidadosamente dobradas, dentro destas. Era uma rapariga de dezasseis anos, com feições finas, o cabelo loiro impecavelmente tratado pela esteticista da mãe, aparelho nos dentes, colar, brincos e múltiplas pulseiras de prata ostentando motivos celtas. Na mochila, transportava sempre um bloco de notas e um estojo metálico com lápis. Tinha um talento invulgar para o desenho, reconhecido pelos seus mestres.

Ele nascera dois anos e três dias antes da rapariga. Envergava uma camisola de manga curta, anunciando uma *tournee* dos Green Day. Fora lavada tantas vezes que algumas datas de concertos eram, agora, ilegíveis. Por cima, vestia um casaco de couro, que comprara numa loja de roupa em segunda mão. Tinha jeans e botas negras. Era magro, de uma palidez seráfica, cabelo à ouriço-cacheiro. No dia em que se tinham conhecido, ela achara-o parecido com um vampiro. Cheirava a *aftershave*, a tabaco e ao óleo da mota que conduzia.

“Então, este é o teu lugar secreto?”, perguntou ela.

“Sim. Se é que ainda há algum sítio onde um tipo se possa esconder nesta cidade.”

“Quando partes?”

“Esta noite.”

“Já?!”, sentiu um baque no peito.

“Não aguento mais.”

“Não quero que vás”, murmurou ela.

Ele baixou o rosto, desalentado.

“Já sabes o que me acontece, se ficar.”

Ela sabia. Beijara-lhe as nódoas negras no rosto; os cortes feitos pela garrafa de cerveja que o pai lhe lançara ao ombro, entre impropérios de bêbedo; as queimaduras de cigarro, repetidas até deixarem cicatriz, numa das mãos, uma sevícia para assinalar o seu décimo aniversário, vingança do pai por ter sido abandonado pela companheira.

E ela conhecia, também, as marcas invisíveis. Abria-se um abismo dentro dele, um poço infinito e escuro. Quem se debruçasse poderia sentir repulsa ou medo. No entanto, alguém que se atrevesse a amá-lo sabia que aquele negrume era uma camuflagem que, despida, se tornava luz ou fogo vivo.

Ele mostrara-lhe, timidamente, as suas letras de canções para melodias que ninguém compusera ainda. Eram histórias de perda e fuga pela noite rumo a cidades desconhecidas, longe do medo e da depressão, onde todos os sonhos eram possíveis. Ela retribuía, partilhando os seus delicados desenhos de reinos mágicos, lugares para onde escapava durante as discussões civilizadas, mas infetas de sarcasmo, entre o pai e a mãe.

Em setembro, tinham sido transferidos para a mesma escola, onde não conheciam valmalma. Ela sentia-se excluída por ser a única menina rica; ele perdera dois anos letivos, e optara por se isolar ou afastar, com ar duro, fosse de quem fosse. Ela apaixonara-se por ele, quase sem dar por isso. Ele deixara-a aproximar-se de si, pé ante pé, como um animal magoado, que ignora se a mão será golpe ou carícia. Tinha aprendido a confiar e a respirar o mesmo fogo.

As respetivas famílias eram o reflexo uma da outra. Ele, o filho único de um alcoólico que mal conseguia sobreviver, fazendo trabalhos de carpintaria, canalização e outros biscates. Ela, a filha solitária de uma mulher abastada, mas infeliz, sempre com um copo de uísque na mão. Ele, o filho de uma mãe vítima de maus-tratos, que se ausentara para sempre, numa noite perdida no tempo nebuloso da infância, e não o levava consigo por lhe lembrar o rosto do companheiro. Ela, a filha de um pai que se sumia todas as madrugadas num dos prédios mais altos da cidade, e só regressava tardiamente, com a desculpa de reuniões, mas a cheirar ao perfume caro das amantes.

A primeira vez que o jovem a levava ao bairro social onde vivia, por insistência da rapariga, esta perguntara:

“Vives aqui...?”

E isto soara menos a uma questão e mais a uma crítica espantada. Ele baixara os olhos, envergonhado.

Quando ele vira a casa dela, uma moradia da alta burguesia, de três pisos, ladeada por um jardim de relva cirurgicamente aparada por um jardineiro profissional, sentira-se naquele mundo como um peixe fora de água.

Ela apertara-lhe a mão, para o tranquilizar, e revelara:

“Por fora, parece uma casa de bonecas. Lá dentro, estamos todos a arder.”

Agora, meio ano após se terem conhecido, a rapariga compreendeu que o jovem a levava ao seu refúgio secreto, no cimo da colina, para se despedir.

“Qual é o teu plano?”, perguntou ela.

“Ir para norte, onde há muitos empregos.”

“E o que vais fazer?”

“Tenho jeito para mecânico. Talvez me aceitem como aprendiz.”

“E as letras das músicas?”

“Não vou parar de escrever, isso é garantido.”

Nada disseram durante um minuto. Escutava-se apenas o restolhar das árvores na colina.

“E tu?”, perguntou ele.

A rapariga encolheu os ombros e sorriu tristemente.

“Serei a menina dos papás. Casa. Escola. Casa.”

“E nós?”, tornou ele.

“Voltarás um dia?”

Ele não respondeu.

Abraçaram-se. Ela sentiu a mescla de aromas dele. Beijaram-se. Queriam-se, uma última vez. Ele estendeu o casaco dele na relva, ela deitou-se sobre este; ele acariciou-a, ela beijou-o; ela ergueu o vestido azul-claro, ele baixou as calças. Fizeram amor, raivosamente.

Quando tudo terminou, aninharam-se nos braços um do outro. Estava frio. Um vento escuro varria a cidade distante, a seus pés.

“Começa a fazer-se tarde”, disse ele. “Vamos...”

Regressaram à cidade na mota. A noite de inverno tombara, entretanto. O jovem deixou a rapariga no término da rua onde ela residia. Não podiam correr o risco de os pais dela a verem em más companhias.

“Telefona-me, por favor”, pediu ela.

“Sim. Todas as noites.”

“Prometes?”

“Prometo!”

Abraçaram-se, em silêncio.

Ela ficou a ver a luz vermelha da mota sumir-se na noite, em direção ao bairro social, no lado errado da cidade.

À hora do jantar, a jovem mal tocara nos alimentos. Sentia o estômago revoltado e a mente confusa. Naquele momento, ainda se encontrava anestesiada por a separação ser tão recente. Contudo, já pressentia a incompletude, a angústia da perda, o sufoco insuportável de não ter a quem dar amor, a solidão a queimá-la, o desperdício do futuro com uma alma gémea. Agora, seriam como cerra-livros e cada dia que passasse entre eles afastá-los-ia ainda mais.

Ninguém reparou na sua aflição. O pai não estava, claro, e a mãe cacarejava infinitamente acerca de uma festa chique, que pretendia organizar. De lágrimas mal contidas, a rapariga recordou todos os instantes de cumplicidade que tinham vivido, o amor e os segredos, a raiva e a cura, a música rebelde e o silêncio, os projetos para um amanhã que, afinal, nunca chegaria.

Retirou-se para o quarto. Para se acalmar, sentou-se na cama, com o bloco no colo, e fez um desenho a lápis. Neste, os dois jovens sumiam-se, na moto, para o interior de um abismo que lembrava um remoinho cada vez mais afunilado. No fundo do poço, cintilava uma luz minúscula e tão branca quanto o papel. Imaginou que os dois se tornavam finos como agulhas e atravessavam esse ponto, num ápice.

Do outro lado, existiria um universo onde ambos se amariam para sempre. Onde ela nunca seria uma cópia da mãe, de uísque na mão, uma dona de casa amargamente frustrada, num matrimónio esventrado de amor. Onde ele jamais seria igual ao pai, sempre bêbedo e odiando o mundo por ter sido abandonado pela esposa que ele precisava de espancar para se sentir um homem.

Eram nove da noite, quando o telemóvel da rapariga tocou. Atendeu de imediato, ao reconhecer o número dele no ecrã. Escutou-o, durante longos minutos, sem o interromper. O rosto dela iluminou-se. Murmurou apenas:

“Sim.”

E desligou rapidamente.

Ao fundo da rua, ouvia-se o ronronar morno de uma mota.

No dia seguinte era sábado. Já soara o meio-dia. A mãe da jovem bateu à porta do quarto da filha três vezes e chamou pelo seu nome, para que viesse almoçar. Ninguém respondeu. Entrou, de eterno copo na mão, e ligou a luz do candeeiro. Para sua surpresa, a cama estava impecavelmente feita. Ela não dormira em casa. Perturbada, poisou o copo no esboço que a rapariga desenhara no dia anterior. Abriu o estore da janela, aflita, e espreitou. A rua, tão longa e cheia de sol, encontrava-se vazia. No céu límpido, os pássaros voavam furiosamente.

A rapariga que adorava finais felizes

A rapariga encontra-se prostrada no chão do quarto, contemplando o teto. Tem os olhos inchados de tanto choro, sente a cabeça pesada, a boca sabe-lhe a papel de jornal. Toda a noite, as memórias do namoro terminado cruzaram a sua mente, como transatlânticos longínquos. Em seu redor, há discos de vinil fora da bolsa, semeados ao acaso. Perdeu a conta às canções que escutou e às letras dolentes de amores perdidos. Não se recorda de ter jantado. Ainda tem vestida a roupa do dia anterior, uma camisola de manga-curta e calças de fato de treino cinzentas. Há um mês que o mundo desabou.

O jovem acorda, com frequência, pelas três ou quatro da manhã. Raramente volta a conciliar o sono. Senta-se na beira da cama, esfregando o rosto. Consulta o telemóvel. Não teve coragem de apagar as mensagens dela e muito menos o seu número. Guardou religiosamente todos os e-mails que haviam trocado. Mentiu e disse-lhe que tinha transferido as fotografias de ambos para uma *pen*. Na realidade, todos os dias as contempla e daria o mundo para poder entrar dentro das imagens e abraçá-la. Após ter acabado com ela, as memórias pareciam-lhe um fardo; agora, são uma âncora e tudo o que lhe resta.

Enquanto assiste ao nascer de mais um dia asfíxiante de verão, através da janela da cozinha, a rapariga bebe um café, e força-se a morder alguns biscoitos de canela, sem a mínima vontade. As calças do fato de treino estão-lhe largas. Na casa de banho, ao despir-se, verifica que perdeu vários quilos, mas prefere não consultar a balança. Hoje, não tomará duche, mas sim banho de imersão. Enche a banheira até meio e deita-se, sentido o corpo dissolver-se na água, observando o vapor voar, condensando-se no teto e nos azulejos. Mergulha a cabeça. Escuta, distantes, os sons abafados do bulício do dia.

Quando não consegue dormir, o jovem percorre de automóvel as ruas da cidade silenciosa. Por vezes, abrande e passa em frente à vivenda adormecida da rapariga. Quantas vezes a esperou, sob aquela olaia. Sabe de cor as suas mudanças, nas quatro estações, tal como conhece o corpo da ex-namorada. As folhas grandes, em forma de coração; as pequenas flores cor-de-rosa, em março ou em abril; os frutos, vagens espalmadas, em setembro e em outubro. Daria tudo para voltar atrás na sua decisão, para retirar as palavras que doeram como setas de fogo, para lhe dizer que a ama mais do que nunca — e só agora o compreende, arrependido.

Naquele sábado à tarde, a rapariga vegeta, como é hábito, em frente à televisão. Salta de programa em programa, evitando, a todo o custo, filmes românticos e comédias. Opta por documentários sobre a Segunda Grande Guerra, as ilhas do Pacífico, cidades perdidas na selva amazónica ou qualquer matéria que a distancie da realidade. Acima de tudo, tenta não pensar

nele, nem nas memórias de tudo o que viveram, quando ela achava que o namoro seria o princípio da eternidade. Apesar de ser um junho quente, cobre os ombros com uma manta de algodão. Esse gesto singelo reconforta-a, como se a protegesse do mundo.

A saturação minara o namoro, demasiado longo e estagnado. Ele, um ansioso crónico, sempre receara o futuro, com as suas inevitáveis mudanças, curvas perigosas na estrada, troços de neblina, sentidos únicos, incidentes de percurso. Dominado pelo medo, preferira o terreno conhecido e, como tal, confortavelmente seguro, da solidão. Contudo, naquele mês de ausência, compreendeu que a rapariga concedera significado à sua vida, que juntos teriam tudo para ser felizes, que ela era o seu amanhã. O arrependimento pesa-lhe como uma mó atada ao pescoço. Porém, de que adianta, se já ultrapassou o ponto de não retorno?

A campainha toca. A rapariga afasta a manta azul, espreguiça-se e, relutantemente, ergue-se do sofá. Abre a porta da vivenda. Surpreendida, verifica que é o ex-namorado. Retira a corrente de segurança e diz-lhe, secamente:

“Olá.”

“Olá”, murmura o jovem. “Calhou passar por aqui. Como estás?”

A rapariga encolhe os ombros.

“Vou indo. E tu?”

“Também. Queres ir dar uma volta de carro?”

“Pode ser”, diz a rapariga, hesitante.

Veste o casaco leve, que tem pendurado no cabide da entrada, e apalpa o bolso dos calções, verificando que traz consigo o porta-moedas. Há vários dias que não sai de casa. A luz do sol fere-lhe os olhos e o sopro cálido do vento de junho é desconfortável. Sente alívio quando, ao entrar no automóvel, se apercebe de que ele ligara o ar condicionado.

“Onde vamos?”, pergunta ela.

“Ao parque de diversões. Que te parece?”

Ela anui, procurando disfarçar o desprazer. O último local que gostaria de visitar é um sítio ruidoso e apinhado.

Nenhum deles fala, durante a viagem. O silêncio não é desconfortável, mas tácito. Ambos preferem assim. Repara que ele usa o perfume que ela lhe oferecera no aniversário, mas não fizera a barba, nem se arranjara particularmente bem. Veste uma camisola de manga-curta negra, com um anúncio à *Coca-Cola*, *jeans* e umas sapatilhas novas. Nota-lhe a fadiga na postura, nos olhos brilhantes de sono e na respiração cava. Por momentos, a rapariga sente vontade de chorar. Deseja sair do carro, dizer-lhe que não compreende o propósito daquela viagem, que prefere não estar com ele, que deve esquecê-lo, para seguir em frente. Mas fica.

Quando chegam ao parque de diversões, é com dificuldade que encontram onde

estacionar o automóvel. Tal como a rapariga previra, o local encontra-se lotado de famílias, aproveitando o fim de semana e o bom tempo. Deplora o barulho ensurdecido da pista de carrinhos de choque, os anúncios constantes à roda-gigante, a música da montanha-russa — toda uma cacofonia competindo histrionicamente pela atenção dos visitantes. O jovem lê o desagrado no rosto da rapariga. Em frente a uma rulote de guloseimas, pergunta-lhe:

“Queres um gelado?”

Ela abana a cabeça e sugere:

“Vamos para um sítio mais calmo, por favor.”

“É para já!”

Acotovelam-se entre a massa de gente, até chegarem à periferia da feira, onde se exilaram as atrações menos populares, como o túnel dos horrores (galeria que há muito deixara de assustar os visitantes) ou a colorida tenda de Mademoiselle Cassandra, a “célebre leitora de sinas”.

Esta sai e caminha, decidida, na direção dos jovens, exibindo um franco sorriso. É uma mulher de meia-idade, alta, de cabelo negro, olhos escuros, indiana ou cigana. Enverga um vestido longo, azul, e tem um lenço de cabeça, bordejado com medalhas douradas.

“Olá! Como estão? Querem conhecer a vossa sina?”

Os jovens entreolham-se. A rapariga hesita. Ele pergunta:

“Quanto custa?”

“Cinco euros, não mais.”

O rapaz puxa da carteira e estende-lhe uma nota. De imediato, Cassandra segura não na mão dele, como supunha, mas na da jovem.

“Vou começar pela linha da cabeça.” Percorre-a com o dedo. “É curva e inclinada. Significa que a menina é uma pessoa criativa. Veja esta cruz. Tem uma decisão importante!”

O jovem debruça-se sobre a mão dela, curioso. A rapariga parece mais interessada.

“A linha do destino está interrompida. Muda de direção de uma forma muito brusca. Isso quer dizer que vai haver um abanão na sua vida e olhe que está para breve.”

“Para melhor?”, pergunta a rapariga.

“Isso não lhe sei dizer. É só isto que vejo. Lamento. A linha da vida nasce no polegar e vai em direção ao pulso. É profunda. A menina deve ser uma pessoa cheia de energia...”

“Penso que sim. E a do coração?”, questiona a jovem.

“A linha do coração vai do dedo mindinho ao indicador. É longa. Significa que se apaixona facilmente e com sinceridade. Mas, repare: tem um pequeno círculo no meio. Isso quer dizer que anda desgostosa. Muito em baixo. Qualquer coisa correu mal. Algo que nunca devia ter acontecido. O vosso destino é serem felizes juntos. Sem medos.”

A rapariga encolhe os ombros. Murmura “obrigada” e afasta-se, sem se despedir, limpando os olhos. O rapaz e a vidente entreolham-se, por um segundo. Ele segue a jovem.

“Desculpa. Foi má ideia.”

“Deixa lá.”

“De qualquer forma, ela deve dizer o mesmo a toda a gente.”

“Achas?”

“Talvez.”

“Bem, ela acertou em tudo, não foi? E sem sequer me conhecer.”

Ele não responde. Caminham sem trocar palavra. À medida que se aproximam do centro do parque, mergulham na atroada ensurdecadora das diversões. Os visitantes multiplicaram-se. A temperatura asfixia. O ambiente festivo tornou-se insuportável.

“Queres ir a outro lado?”, pergunta-lhe ele.

“Sim, vamos!”

Aliviados, abandonam o parque de diversões. Ele conduz rumo a uma colina perto da cidade. É um espaço neutral, sem memórias associadas que os possam entristecer, uma terra de ninguém que nunca tinham visitado durante o namoro. Decide ligar o rádio, para quebrar o silêncio. Ela teve exatamente a mesma ideia. As mãos roçam uma na outra. Por estranha coincidência, toca o tema musical que passava no café, na hora em que se tinham conhecido. Ele engole em seco. Ela aumenta o volume. Recosta-se no banco e cerra os olhos.

Por fim, chegam à colina e estacionam o carro. Passa outra canção, favorita de ambos. Ele desliga o motor, mas não o rádio. Saem para a frescura da colina. Escutam a música vinda do carro. A cidade estende-se a seus pés, brilhando à luz do sol suave e cor de laranja do fim da tarde. A mão dele toca no braço da rapariga.

“Lembras-te de quando costumávamos dançar ao som desta música?”

“Então, não?”

Ele abraça-a. Ela aninha-se nele. Começam a dançar, ao ritmo lento da canção.

Ele sente que tudo fica, de súbito, certo. A mornura do corpo dela, a geografia das suas costas, o cheiro a maçãs verdes do cabelo. Ela estranha o corpo dele, no primeiro minuto. Como alguém que regressa a casa, após umas longas férias, e sabe que chegou ao lar, mas ainda não se habituou. Num feitiço, o rádio toca, canção após canção, as músicas das suas vidas, e eles dançam, longe, muito longe, do mundo. Tudo o que viveram no namoro deixa de ser memória e se funde com o presente. Ela nunca duvidou de que sempre pertenceram um ao outro. Ele só agora o descobriu. Sei como a história deles termina e sei que este é um bom princípio. Acreditem.

Sinopse

A Rapariga que Adorava Finais Felizes, de João de Mancelos, é um conjunto de treze contos românticos, com enredos plenos de criatividade. Nestas histórias, o autor apresenta jovens comuns ou misteriosas, introspetivas ou audazes, práticas ou artísticas, mas sempre interessantes. Todas elas procuram o amor e a identidade, desde a década de setenta até aos nossos dias. Estas narrativas, escritas num estilo cuidado e cinematográfico, leem-se de um fôlego.